

## ENSINO DE MODA E SUAS DIRETRIZES: HERANÇA, MEMÓRIA E EMANCIPAÇÃO

*Fashion education and its guidelines: inheritance, memory and emancipation*

Serrão, Caroline Roberta Vial ; Esp.; Estácio/IESAM, carolineserrao7@gmail.com <sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho teve por objetivo verificar a importância do ensino de moda e sua aplicação como ferramenta de reinserção social, resgate de tradições e memórias através do ofício da costura.

**Palavras chave:** Ensino de Moda, Memória e Reinserção social.

**Abstract:** This work aimed to verify the importance of teaching fashion and its application as a tool for social reintegration, rescue of traditions and memories through the craft of sewing.

**Keywords:** Teaching Fashion, Memory and Social Reintegration.


### INTRODUÇÃO

O presente projeto tem como objeto de estudo, reflexões sobre a relevância do ensino de moda. Pontuando a sua aplicação quanto ao desenvolvimento das técnicas de costura passadas entre gerações de mulheres como uma tarefa de cunho doméstico à sua evolução quanto ao campo profissional.

Com base em pesquisa bibliográfica e através de experiências do autor como ser atuante na educação profissionalizante de vestuário, o trabalho contextualiza o valor afetivo e ponte para a compreensão de costumes e tradições, como influência no processo de formalização e investimento de instituições de ensino técnico e superior voltados ao ensino de moda no Brasil. Além de evidenciar o papel de ferramenta de emancipação que a educação de moda vem assumindo na atualidade, principalmente no processo de reinserção social de homens e mulheres em unidades do sistema penitenciário.

---

<sup>1</sup>Mini currículo do primeiro autor, máximo 3 linhas



## MODA NO PÓS GUERRA, EMANCIPAÇÃO E ATUAÇÃO DA MULHER NA INDÚSTRIA TÊXTIL


A habilidade de costurar por muitos anos fora sinônimo de atividade restritiva ao feminino, vista como uma tarefa essencial às mulheres do lar, porém, em determinados casos, era uma forma de obtenção de complementação de renda financeira, através de consertos de roupas e até mesmo, confecção das mesmas. Contudo, não majoritariamente, visto que as normas sociais priorizavam o papel do homem/marido como provedor de sua família, ou seja, suprir as necessidades de sua esposa e filhos.

Segundo RAGO (1997), o trabalho da mulher fora de casa iria interferir diretamente em seu interesse pelo casamento e maternidade. Conscientemente, tornando os laços familiares mais frouxos ao deixarem de serem mães e esposas dedicadas ao lar.

O próspero homem de negócios (...) esperava duas coisas da esposa: primeiro, que fosse um modelo de virtudes domésticas e, segundo, que não fizesse nada. Sua ociosidade total era a marca do status social do marido. Olhava-se com desprezo qualquer tipo de trabalho, e as roupas que refletiam essa atitude eram extremamente restritivas. (LAVIER e PROBERT, 1989, p. 170).

O saber da costura e bordado era repassado de geração em geração, através de mãe para filha, e dentre as outras mulheres da família. Era incomum mulheres que não soubessem nenhuma das práticas, sendo estas consideradas prendas domésticas essenciais na formação da mulher para o futuro em matrimônio.

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) trouxe grandes mudanças na Europa e no resto do mundo, visto que com a dimensão dos conflitos, toda uma geração de homens foi convocada ao *front* da linha de combate. O que afetou diretamente a produção de insumos para o abastecimento das cidades e os campos de batalha. De forma a atender as necessidades do cenário atual, mulheres foram recrutadas a assumirem os postos de trabalhos. As fábricas foram imediatamente supridas de mão de obra feminina, em destaque a indústria têxtil.



O pós guerra, trouxe uma nova perspectiva, sobretudo no Brasil. A presença feminina na indústria continuou a crescer progressivamente, segundo dados do ano de 1920, “247 industriais que trabalhavam com gêneros têxteis, 34.827 operários, 50,96% eram mulheres.” (RAGO,1997). Entretanto, não ao ponto de substituírem por completo postos masculinos, pois apesar de sua inserção no mercado de trabalho ser um passo da emancipação, a realidade estava bem distante, visto que as condições de trabalho e baixos salários (em comparação a de homens que exerciam a mesma função), e sobretudo uma exaustiva jornada de trabalho.

Período marcado por tantas adversidades trouxe profundas transformações nas relações de consumo, sobretudo na relação da mulher com a moda. O trajar feminino, por exemplo, deixou ser apenas algo pensado e referenciado aos padrões masculinos, visto que o vestuário feminino, destacava-se pelos exageros estéticos, a fim de destacar seus atributos físicos, a exemplo, o Espartilho. A moda no pós guerra trouxe mais autonomia a mulher, eliminando excessos, dando espaço a peças como a calça e diminuição do comprimento das saias, de forma a facilitar a nova rotina.

A Moda desde o princípio é um fator de identificação cultural, social, religioso e gênero. Com os avanços tecnológicos e sociais, verificou-se que habilidades relacionadas ao fazer moda, inclusas o ato de repassar entre as gerações de mulheres, mesmo que inconsciente, ganharam novas diretrizes. Ultrapassando esferas do lar, alcançando patamares antes inimagináveis, no qual além da obtenção de renda, desenvolveu novas perspectivas de identidade e reflexões no fazer e ensinar moda, fortalecendo a cadeia produtiva e expandindo novos setores e camadas sociais.

## O MERCADO DE MODA E TÊXTIL NO BRASIL

O Brasil é um dos principais produtores de insumos têxteis do mundo, entretanto, nem sempre a indústria nacional teve o devido destaque no mercado, em parte devido a restrição/seletividade do público consumo a determinados produtos, e o alto nível competitivo do setor de vestuário internacional, principalmente a influência parisiense,




que reverberava seus costumes e o modo de trajar na sociedade brasileira, mesmo que não tão adequada ao clima tropical.

O fazer Moda no Brasil, por longos anos foi uma árdua tarefa, principalmente pela forte e dominante importação de produtos franceses, algo que tornou a indústria nacional tímida e receosa em produzir produtos que carregassem suas características próprias, visto que não somente aos modos de vestir a sociedade brasileira absorveu como sua. O que contribuiu para negação da identidade nacional. Segundo FREYRE (1987), uma moda imposta à mulher brasileira, que teve de adapta-se, "desbrasileirando-se" e, até mesmo martirizando-se.

A importação de roupas prontas da Europa e a expansão das fábricas têxteis no Brasil reforçaram os novos códigos de vestimentas e consumo. Apesar da massificação da produção, as roupas ainda eram consideradas artigos de luxo para determinadas classes sociais. "Na década de 1920, as que tinham condições de pagar os preços do varejo compravam roupas feitas, bem como novos acessórios da moda".(BESSE, Susan. 1999, p.21)

As revistas desempenharam um papel fundamental para a disseminação das modas, quase como um manual, as publicações traziam as novidades em modelos, tecidos e acessórios. Permitindo que pudessem ser reproduzidas por alfaiates e costureiras em solo nacional, algo que flexibilizou o acesso e desenvolvimento das industriais, por seguinte o fortalecimento e expansão de lojas especializadas. Porém, nem tudo se resumia a roupas. As publicações traziam pautas para a mulher moderna sobre uma nova perspectiva de seu papel em sociedade, como a desigualdade salarial e direito ao voto.

As publicações além do conteúdo sobre os códigos de vestimentas traziam pautas que reforçavam o papel da mulher moderna, a desigualdade salarial e o direito ao voto. Novas percepções e reflexões que permitiram novos desdobramentos na história da moda, principalmente, como forma de reafirmação de identidade e comunicação, além de constante evolução até os dias de hoje, algo que foi fundamental para o surgimento e desenvolvimento de escolas de Moda.



## O ENSINO DE MODA E SEU PAPEL SOCIAL


O surgimento de instituições voltadas para o ensino profissional de Moda e Têxtil no Brasil é considerado muito recente. Algo que está diretamente ligado ao tardio processo de industrialização e produção de vestuário nacional. Atualmente, temos uma das cadeias produtivas completas do Ocidente, na qual produz desde fibras a confecção do vestuário. Segundo dados da ABIT (2020), o Brasil é o quarto maior exportador de malhas do Mundo, cerca 510 mil toneladas por ano, além de fazer parte do circuito das principais Semanas de Moda.

Contudo, trabalhar no setor têxtil e do vestuário era, e ainda é visto com certo preconceito. Apesar de ser uma atividade essencial dentre vários segmentos, o ofício da costura não possuía investimentos quanto ao campo de capacitação profissional. Os trabalhadores em suma maioria eram autodidatas e leigos. Práticas relacionadas a confecção, eram muito associadas atender necessidades básicas do lar, principalmente para aquelas famílias que não possuíam condições de comprar roupas prontas.

No começo do século XX, uma das tarefas mais importantes das mulheres fora suprir seus lares de vestuário e de roupas de cama e mesa. Eram poucas as lojas que vendiam roupas prontas para crianças e a escolha de roupas para homens e mulheres era muito restrita. As famílias remediadas contratavam costureiras, mas mesmo das mulheres mais ricas se esperava que fizessem alguma costura e bordado. (BESSE, Susan. 1999, p.21)

Com o avanço da industrialização e a latente carência de mão de obra qualificada, era comum encontrar desempenhando funções produtivas da cadeia do vestuário, profissionais de outras áreas de conhecimento, em uma arriscada tentativa de suprir as demandas do mercado, “arquitetos, pedagogos, psicólogos, desenhistas industriais, economistas, artistas plásticos e advogados entre aqueles que desempenhavam essas funções e eram carentes de qualificação profissional específica para melhor exercê-las” (GIBERT, 1993, p, 178).

Com o reconhecimento do design do vestuário nacional e consumo, durante 1950 e 1960, através da Escola Superior de Desenho Industrial (EsdI) os alunos puderam desenvolver projetos voltados para produto de Moda. Contudo, para quem almejava



qualificação profissional e estudos voltados a criação do vestuário o ideal era ir em busca de aperfeiçoamento no exterior.


Somente na década de 80, surgem cursos específicos para corte e costura, além do curso de extensão em Estilismo e Modelagem do Vestuário oferecido pela Universidade Federal de Minas Gerais(UFMG), com duração de dois anos. Este foi fundamental para alavancar o interesse e investimentos na educação profissional e superior, a exemplo, o surgimento do primeiro curso superior implementado em 1988 pela Faculdade Santa Marcelina (Fasm), em São Paulo.

Atualmente existem mais de 100 escolas e faculdades de Moda, algo que possibilitou o crescimento e fortalecimento da indústria do vestuário, tornando a segunda maior geradora de empregos no país, além de ser o setor com maior atuação feminina, cerca de 75% de ocupação de cargos de trabalho, em geral são mulheres chefe de família.

O mercado da Moda é um dos principais canais de promoção da emancipação feminina, seja por sua constante exaltação do poder da mulher nas passarelas, ou por sua atuação a frente de grandes empreendimentos na cadeia produtiva. É inegável a sua força de transformação, principalmente no campo educacional, que vai além da capacitação profissional, auxilia e atua como ferramenta para desenvolvimento socioeconômico e valorização cultural.

Por ser um setor muito abrangente em todas as esferas sociais, faz-se necessário destacar os variados papéis que o ensino de moda pode vir a assumir. Algo que é essencial para a eficácia das metodologias de ensino, em que deve se levar em consideração os três pilares: herança, memória e emancipação.

Herança e memória estão quase sempre interligadas, mediante a sua ligação com fatores afetivos, quase sempre de cunho familiar. Seja em qualquer esfera social, verifica-se a atuação do ofício de costura ou bordado algo genuíno e hereditário, um elo entre gerações, sendo um hobby ou profissionalmente, influência diretamente no processo criativo e nos modos de produzir. Segundo MALERONKA(2007), o domínio da costura estava enraizado na educação da mulher, o que possibilitava compartilhar entre gerações por ser uma prática associada a vida familiar.



As tramas desempenham um elo invisível que traduz e conduz os caminhos voltados para o ensino de moda, visto que o vestuário é um canal comunicativo, no qual capta-se elementos de identificação cultural e social, reafirmando e desenvolvendo novas visões acerca da sociedade.


A emancipação geralmente é associada ao papel feminino, contudo, pode vir a assumir novas diretrizes, além da questão de gênero. A ressocialização é uma forma de emancipação, principalmente quando utilizamos o ensino de moda como uma ferramenta de resgate e reinserção de minorias na sociedade, como os privados de liberdade.

Em face das desigualdades sociais e falta de políticas públicas eficazes, as taxas de criminalidade crescem a cada ano. Segundo dados do INFOPEN(2019), verificou-se um crescimento de 3,96% da população carcerária, sendo este cerca 51% composta por homens negros e pobres, além do aumento do quantitativo de mulheres presas em relação aos anos anteriores.

Entretanto, verifica-se que apesar dos fatores que levam a infração penal serem em parte decorrente da ausência do amparo do Estado, dito os presos que não apresentam riscos a sociedade, ficam a mercê da reincidência ao crime por falta de alternativas após a liberdade. Contudo, a implementação de projetos voltados a ressocialização de homens e mulheres do cárcere buscam aliar a educação profissionalizante de forma a intermediar a recolocação de egressos no mercado de trabalho.

Dentre algumas medidas, parcerias voltadas ao segmento de confecção, tem se feito cada vez mais presente entre a população carcerária. Fato este atribuído ao caráter inclusivo e metodologia híbrida que o ensino de moda possibilita, em vista que estimula a criatividade, coordenação motora e potencializa a elevação da autoestima e bem estar psicológico, o que conseqüente atua como forma de inibir o retorno a reincidência criminal.

Projetos como o Artesanato na Cella, desenvolvido para atender as unidades prisionais de Minas Gerais, visam possibilitar aos internos a remissão da pena através do trabalho na produção de peças em Tricô, Oficina de Corte e Costura, e artesanato. Iniciativa adotada em 2013 atende homens e mulheres no cárcere. Os produtos produzidos



durante as oficinas são repassados as famílias como uma forma de obtenção de renda.”Os detentos envolvidos no projeto Artesão Cidadão demonstram uma grande satisfação em realizar as atividades. A unidade prisional, por sua vez, percebe melhorias no comportamento e no melhor convívio com os demais presos”. (DEPEN-MG, 2013).

Conclui-se a relevância do ensino de moda, como ferramenta de resgate e reinserção social, além de seu papel quanto demarcado social, histórico e cultural. Que não se restringem ao campo de produção industrial, visto a sua influencia em vários setores da sociedade, como setores hospitalar, forças armadas e educação.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIT- **Associação Brasileira de Indústria Têxtil e Confecção**. Disponível em: <https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor>.

BESSE, Susan. **Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914–1940)**. São Paulo: Edusp, 1999.

DEPEN-MG. **Artesanato na Cela**. 2013. Disponível em: <http://www.depen.seguranca.mg.gov.br/images/Publicacoes/Subsecretariadeadministracaoprisional/Cartilha-Artesanato-na-Cela.pdf>

FREYRE, Gilberto. **Modos de homem, modas de mulher**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

GIBERT, Vera Lúcia Pieruccini. **O entorno acadêmico e industrial têxtil no vestir e morar brasileiros**. São Paulo, 1993. Dissertação (Mestrado em Artes) – ECA-USP.

INFOPEN- **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias**. Disponível em: <http://antigo.depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen>

MALERONKA, Wanda. **Fazer roupa virou moda: um figurino de ocupação da mulher (São Paulo 1920-1950)**. São Paulo: Senac, 2007.

RAGO, M. **Trabalho Feminino e sexualidade**. In: PRIORI, M. Del (Org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997. p. 578 a 606.

